

## Desconfinamentos

Aurora Bernardini

“ A vida mais intensa e mais produtiva da cultura se desenrola justamente nos confins de seus respectivos campos, e não onde esses campos se fecham em sua especificidade própria”.

Mikhail Bakhtin

O volume que, em italiano, leva o nome de *Sconfinamenti* (org. Stefano Beggiora, Mario Giampà, Alfredo Lombardozzi e Anthony Molino. Mimesis, Milano-Udine : 2014) faz parte da coletânea *Semiótica e Filosofia da Linguagem* e trata de um assunto que está na crista da onda: quais são as relações (de semelhança e de diferença) entre disciplinas limítrofes, e no que podem umas se enriquecer com as outras? Da relação entre literatura e as outras disciplinas tratou Remo Ceserani em seu livro de 2010, *Convergências*, no prelo pela EDUSP; trata-se em particular, agora, de analisar as relações entre duas disciplinas contíguas, a antropologia e a psicanálise, depois da aproximação antropologia /linguística feita nos trabalhos de Lévi Strauss e Jakobson, e lembrando uma das anotações mais interessantes de Mikhail Bakhtin (citada no ensaio, que resumimos aqui, de Domenico Scafoglio, que abre e sintetiza, teoricamente, o livro) : “ a vida mais intensa e mais produtiva da cultura se desenrola justamente nos confins de seus respectivos campos, e não onde esses campos se fecham em sua especificidade própria”.

Ou seja, é importante incrementar as transferências interdisciplinares, retraçar os limites, procurar denominadores comuns. Em particular, entre antropologia e psicanálise, tem-se assistido a uma história de atração recíproca. A psicanálise – baste lembrar Freud de *Totem e tabu* – indo do individual ao coletivo, conservando porém seus próprios instrumentos analíticos, e a antropologia – baste lembrar Malinóvski – valendo-se dos resultados das pesquisas psicanalíticas, ou discutindo-as à luz de suas experiências de campo ou de seu conhecimento de culturas remotas.

Justamente, um dos nós da discussão antropologia/psicanálise diz respeito ao peso e ao papel da cultura no comportamento humano, e aqui vêm as considerações do autor do ensaio, que *et pour cause*, é antropólogo cultural. Grande teórico da universalidade da natureza humana, cujas componentes bio-psíquicas, a libido e os complexos determinariam os modos de agir do ser humano, Freud não seria diferente dos grandes teóricos do universalismo antropológico, a não ser que as generalizações de ditos antropólogos se fundavam em um intenso trabalho comparativo que confrontava as culturas existentes, enquanto Freud trabalhava com um único grupo social : os vienenses. Daí ser o método comparativo o aporte mais importante da antropologia para a psicanálise, para verificar a universalidade ou a relatividade dos comportamentos e o

papel que, quanto a eles, cabe à hereditariedade ou ao ambiente, à natureza ou à educação.

Para Freud as leis do comportamento humano pouco teriam a ver com a influência do contexto sócio-cultural, sendo que o que é determinante para as formas da cultura são as pulsões inconscientes que aparecem nas diversas culturas e nos diferentes tempos históricos. Entre os vários exemplos, veja-se o caso da “possessão” que, para nós, hoje, nasce da vida interior do indivíduo e se manifesta como sintomas de neuroses. Para Freud, a possessão traduz-se como o recalcado em nosso subconsciente que retorna, os maus desejos e os instintos reprováveis reprimidos. Ele, entretanto, não releva o fato que o recalcado retorna, na possessão, segundo modalidades diferentes, de acordo com as diferentes culturas.

Na possessão espírita, por exemplo, ela é o resultado do encontro sugerido e orientado “por um esquema cultural extraordinariamente articulado da parte obscura do possuído, com o caráter, a história e o destino da alma do defunto, impressos traumáticamente na memória coletiva e transformados em afabulações coletivas e narrações míticas: essas crenças *produzem* a possessão e, de qualquer modo, determinam sua forma específica”. “Quando muda o contexto cultural e o sistema de crenças” – argumenta Scafoglio – “a possessão se torna outra coisa: possessão demoníaca, dionisíaca, tarantismo, e assume outras formas particulares no pentecostalismo, no candomblé etc. Se é verdade que todas essas formas de possessão podem advir da mesma matriz psicológica, seu significado e sua função, entretanto, não podem ser achatados a uma base clínica comum: as diferenças não são superficiais, mas essenciais, na medida em que resultam de percursos diferentes e produzem efeitos diferentes, quando não opostos.”

À pouca atenção que Freud deu às diferenças das culturas derivam outras consequências que lhe são imputadas pelos antropólogos, sendo as principais a exagerada importância que ele deu aos condicionamentos bio-psíquicos e à hereditariedade e o peso enorme atribuído à infância na formação do caráter.

Á origem da cultura Freud dedicou *Totem e tabu* que, analisado pelos antropólogos, apresentou certa falta de fundamentação documentária. A trama da obra, como se sabe é a seguinte. O pai originário monopoliza as mulheres do grupo: os filhos se rebelam, matam-no e devoram-no, assimilando suas qualidades. Depois, movidos pelo remorso e pelo senso de culpa, reprimem o desejo sexual para com suas próprias mães e irmãs e criam o totem, o símbolo animal do pai. Sobre a proibição do incesto, a exogamia e o totemismo é fundada a organização social, baseada na repressão dos instintos.

O complexo de Édipo, segundo Freud, é uma repetição virtual desse parricídio. O pai que monopoliza o amor da mãe, o amor/ódio(cíume) na relação filho/pai; o desejo que o pai morra e o senso de culpa que disso deriva; a interiorização do princípio da autoridade (Superego) encarnado no pai, com a conseguinte repressão da vida dos instintos, indispensável para a socialização.

Por estar baseado nos estudos já superados do totemismo de Frazer e de Robertson Smith, *Totem e tabu* não convenceu filogeneticamente, sendo que a proposta mais válida permanecia a da ontogênese edípica da cultura, mas para tanto era necessário demonstrar a universalidade do complexo de Édipo e do “ período de latência”, em que o menino recalca o desejo sexual pela mãe ( dos quatro ou cinco anos até a puberdade). É aí que entram em cena os antropólogos britânicos especialistas em diversidade cultural, e, em particular, Malinóvski, que se sente atraído pelas análises de Freud, e , embora aprovando a tese da existência do complexo de Édipo, após comprovações, descobre que em outras culturas, entre os trobriandeses ( habitantes da ilha Trobriand, na Austrália), por exemplo, as pulsões hostis se dirigem ao tio materno e não ao pai, e os desejos incestuosos dirigem-se à irmã. Isso, num certo sentido, revira a proposta de Freud: o complexo de Édipo não é o fundamento da cultura mas é, ele mesmo, um produto da cultura. Da mesma forma, Malinóvski tentou demonstrar ( 1927) que nem em todas as sociedades as fases do desenvolvimento infantil estão presentes tais como as apresentou Freud.( Cf. Freud: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* ( 1905)).

Já a antropologia americana, culturalista e relativista, parece mover-se, - apesar de suas pequenas aberturas para a psicanálise - numa direção oposta ao biologismo e ao universalismo freudiano , enfatizando o determinismo cultural. Vejam-se as discípulas de Boas, Ruth Benedict e Margareth Mead. Esta última, além de corroborar que o complexo de Édipo não é universal (nas ilhas Samoa não ocorre), ainda certificou-se do seguinte: a) não é o psíquico que determina o cultural, mas é o contrário; b) a cada tipo de cultura correspondem as respectivas estruturas psíquicas; c) a hereditariedade não tem peso algum na formação dos modelos de comportamento das sociedades. Em particular : os homens não são sempre mais ativos que as mulheres,em muitas sociedades eles se portam como as mulheres dos outros países ( Mead, 1938-35-64-49).

Karen Horney ( 1885-1952), alemã naturalizada americana e psicanalista neofreudiana, estudando as neuroses do homem americano, chegou às seguintes conclusões: a) a cultura não deriva dos instintos,é antes a vida das pulsões e toda sua história evolutiva que é influenciada pela cultura; b) o mundo é uma pluralidade de culturas ;c) não é apenas a infância que influencia o desenvolvimento psíquico do homem, mas também as condições da sociedade em que vive.

Há, entretanto, adesões mais concretas às teorias freudianas.

Embora recusado em termos de filogenia, no plano ontogenético o complexo edipiano é , hoje, juntamente com a interdição do incesto, confirmado como estrutura universal. G. Roheim, estudando in loco na ilha de Normanby e retomando a questão levantada por Malinóvski das crianças trobriandeses, mostrou que o complexo avuncular é um derivado do complexo edípico. Outra confirmação da importância da infância na formação do adulto fornecida por Roheim é dada pela visão que ele tem da cultura: “uma tentativa de a criança reunir-se à mãe através das ligações libídicas com o grupo”, superando o trauma do nascimento e a angústia da separação. Partindo do

conceito freudiano de sublimação ( criação de formas culturais superiores como efeito do deslocamento de energias instintuais) chega-se à conclusão que toda a sublimação é cultura ( no sentido de civilização), um modo oblíquo de realizar os sonhos infantis.

O trabalho do psicanalista – diz R. Money-Kyrle (1938) - deveria ser o de estabelecer quais fatores levantar e focalizar; o do antropólogo, de determinar seu peso relativo e assim formular leis sociológicas válidas para o futuro.

Na França, a colaboração graças à dupla Lévi-Strauss/Lacan( devedores, ambos, da linguística estrutural) foi das mais teoricamente elevadas . Por isso, o modelo explicativo do subconsciente – reservatório de conteúdos latentes que são indagados por ambas as disciplinas ( psicanálise e linguística estrutural) – as regras fundamentais do comportamento humano devem ser procuradas no subconsciente e o modelo explicativo deste, na linguística estrutural.

Diz Lacan : uma vez que se define “ o fonema como função dos acoplamentos [binários] de oposição formados pelos menores elementos discriminativos possíveis na semântica” ele nos leva aos próprios fundamentos da última doutrina de Freud e indica, numa conotação de presença e ausência, as fontes subjetivas da função simbólica (Lacan, *Escritos*, 1964 p. 277-278).

O inconsciente freudiano é reescrito por eles à luz da linguística. Além de ser o reservatório de pulsões individuais, ele é o lugar das estruturas lógicas do inconsciente coletivo, que se revela na mente e na realidade.

Já a passagem do inconsciente individual ao coletivo tornou possível soldar psicanálise e antropologia. O inconsciente é o que determina a relação do Eu com o Outro, segundo as regras inescapáveis da comunicação linguística e de outras formas de comunicação, como a troca de mulheres, o sistema de parentesco, a proibição do incesto. Ou, como diz Virginia de Micco , neste mesmo volume,em seu ensaio “Entre identidade e alteridade” do qual , agora, atinjo: “ É apenas a inscrição em uma *langue* coletiva , ou seja, em um contexto de significação e simbolização trans-subjetivo, que permite de articular significativamente a própria *parole* , a própria experiência subjetiva (...)e que torna viva uma *langue*; é justamente este o “ponto essencial” em que etnologia e psicanálise – segundo Foucault (1966, *As palavras e as coisas*) se cruzam: onde a cadeia dos *significantes* sociais encontra a capacidade de significação individual, achando exatamente naquele “ponto” a possibilidade de adquirir *significado*”

O homem é portanto atuado por leis que não são criação dele, mas elas mesma criam o sentido não manifesto de suas ações.

A psicologia e a antropologia nunca estiveram tão próximas. Fundadores míticos de cidades da antiguidade traçavam um confim entre o lugar interno da cidade onde reinava a ordem cultural o humano - lugar daquilo que é simbolicamente inaugurado e o lugar externo, além do recinto traçado, lugar do selvagem, do desumano, da

irredutível alteridade à qual renunciava impor o poder da significação. Mas, adverte a autora+, somente aceitando que exista um desvio não culturalizável, não significável, é que se pode produzir a ordem simbólica. Da mesma forma só pode se produzir o sujeito – que é fruto dessa mesma ordem simbólica – se ele aceitar não possuir o centro desse espaço externo, esse centro incôscio que lhe escapa. Deixem aos migrantes “ a opacidade de suas histórias” diz Abdelmalek Sayad ( *A dupla ausência*, 2002); “Deixem ao outro sua própria opacidade “ diz Edouard Glissant (*Poética do diverso*, 1998).